



APONTAMENTOS SOBRE A PROLETARIZAÇÃO DOCENTE: O ESPAÇO FÍSICO E A SUA RELAÇÃO COM A AUTONOMIA DO PROFESSOR

Guilherme Bardemaker Bernardi¹

PALAVRAS-CHAVE: proletarização docente; autonomia; educação física escolar

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o recorte de uma dissertação de mestrado que aborda o tema da proletarização docente no âmbito da educação física escolar. Visa compreender como os professores de educação física organizam seu trabalho pedagógico frente ao processo de proletarização docente e como este fenômeno implica na educação física escolar. Neste recorte, nossa intenção é dar ênfase a uma das categorias de análise do estudo, que trata da questão da autonomia do professor frente às condições materiais objetivas do espaço físico das escolas, e como isso interfere no andamento do seu trabalho.

JUSTIFICATIVA TEÓRICA E METODOLÓGICA

O trabalho é uma pesquisa de âmbito qualitativo que conta com uma representação tipológica das escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, na qual são adotadas como instrumentos utilizados a entrevista semi-estruturada, as observações participantes, a análise de documentos e os diários de campo. Neste recorte, entretanto, utilizamos como método investigativo apenas as observações participantes realizadas durante 5 meses em 3 escolas da referida rede, além de conversas informais com 4 professores, relatadas em um diário de campo. A observação é tida como um importante instrumento de coleta de informações nos estudos de âmbito qualitativo. Como apontam Lüdke e André (1986), para que este instrumento seja válido e fidedigno, precisa ser, antes de mais nada, controlado e sistemático. O planejamento cuidadoso é parte fundamental para o pesquisador antes de iniciar a observação. Para Triviños (1994), o observar de um “fenômeno social” significa que este tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado seus atos, atividades, significados, relações, etc. E é a partir destes preceitos que fizemos nossas observações nas escolas, tentando compreender a proletarização como um fenômeno que se materializa no cotidiano do professor, para assim analisar e compreender seus significados e relações no âmbito da educação física escolar.

Como proletarização docente, nos baseamos na ideia de Contreras (2002), que aponta que a tese básica da proletarização dos professores se constitui na subtração progressiva de uma série de qualidades que levam o professor a perder tanto o controle como o sentido de seu trabalho. Assim, os professores, que outrora tiveram qualidades distintas dos outros trabalhadores, cada vez mais se assemelham aos trabalhadores assalariados do modo de produção capitalista, os proletários. Com essas mudanças, os processos de trabalho dentro da escola são cada vez mais específicos, onde a perspectiva de conjunto do todo é extinta, exigindo cada vez menos do professor uma ação intelectual, mas sim automatizada e técnica. No que diz respeito às transformações ocorridas na organização das escolas, são claras as configurações e reconfigurações decorrentes dos preceitos da sociedade capitalista. Dentro

deste contexto, Hypolito (1991) aponta mudanças como a redução da autonomia do professor e iniciando um processo crescente de divisão do trabalho dentro da escola. Nesta nossa configuração, denominada de “modernização” das funções exercidas nas escolas, surgem novas relações dentro da instituição escolar, como a fragmentação do trabalho e a hierarquização de funções.

ESPAÇO FÍSICO E AUTONOMIA DO PROFESSOR

Do ponto de vista mais amplo, o processo de proletarização parece ser uma condição pela qual todos os professores têm passado, independentemente da área de atuação. Nosso foco, entretanto, é a partir desta teoria, ver algumas implicações deste processo no cotidiano da educação física escolar. Dentre estas, uma parece ser claro, que é a questão da autonomia. Sendo assim, entendemos que a autonomia depende, dentre outras coisas, da possibilidade do professor organizar seu trabalho no âmbito da cultura corporal tendo acesso ao conhecimento e aos meios materiais objetivos para que isso seja possível de colocar na prática. Todavia, uma questão importante nos parece clara e um tanto quanto já debatida insistentemente, que é a questão da estrutura física das escolas públicas brasileiras. Não é nosso intuito comprovar que as estruturas são defasadas, pois isto já é sabido e amplamente debatido, mas sim, tentar compreender como isso de fato recai sobre os professores de educação física no seu cotidiano, e como então tentam organizar seu trabalho frente à estas questões.

Nossas observações aconteceram em três escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, e demonstram que, dentro de uma mesma rede de ensino, os professores acabam tendo realidades muito distintas, o que faz com que sua forma de organizar o trabalho em relação ao espaço físico dependa da condição na qual sua realidade se insere. A Escola “A”, localizada na Zona Leste da cidade, tem a condição mais complexa das escolas observadas. A escola tem uma arquitetura peculiar, já que é construída em um terreno íngreme, tendo dois níveis de blocos de prédios, ligados por uma grande escada. A escola passa, há mais de um ano, por uma obra que compromete boa parte do espaço destinado à Educação Física, onde serão construídas duas quadras cobertas e um vestiário. Desta forma, a atual configuração da escola conta com apenas 3 espaços possíveis para realização das aulas. Um espaço coberto, do tamanho aproximado de uma quadra de vôlei, e que contém uma tabela de basquete; um espaço descoberto, com postes para colocar uma rede de vôlei, mas que possui o tamanho de meia quadra; e a própria sala de aula. Desta forma, a divisão feita entre os professores da escola (que dependendo do dia varia entre 2 a 5), significa que é possível que em um dia um professor de Educação Física tenha que ficar o dia inteiro dentro da sala de aula. Isso acaba comprometendo de forma sensível o planejamento dos professores, e acaba, inclusive, comprometendo a relação do professor com os estudantes, como foi possível notar em uma das conversas que tivemos com a professora que observamos nesta escola (Diário de campo, 15.10.12), onde ela argumenta que têm passado mais tempo em sala de aula com uma determinada turma, e, quando tem a possibilidade de utilizar a rua, acaba tendo dificuldades de trabalhar com algum conteúdo mais dirigido, devido à “ânsia” dos estudantes em quererem ter aula em algum lugar externo.

A Escola “B”, localizada na Zona Sul de Porto Alegre, é mais estruturada em relação aos espaços físicos. Possui um ginásio, um espaço amplo com uma quadra aberta, uma pracinha com brinquedos infantis, e um espaço coberto com marcação de quadras de vôlei e de basquete. Porém, como a escola conta com uma grande quantidade de professores, a organização interna da própria escola privilegia os professores mais antigos na escolha das turmas e dos espaços físicos. Assim, o professor que acompanhamos nesta escola acaba prejudicado, já que ele é um professor iniciante, tanto na rede municipal, quanto na escola. De

acordo com relato do professor (Diário de campo, 8.3.12), ele acabou sendo o último a escolher as turmas, ficando com os mais novos. Neste ponto, para ele, não há problema, pois gosta do trabalho com os anos iniciais. Mas em relação ao espaço, acaba podendo usar o ginásio ou a parte coberta apenas nos dias em que outros professores não estão presente na escola.

A Escola “C”, localizada no extremo sul da cidade, conta com um espaço físico bom, mas há um outro fator que acaba interferindo na organização das aulas. A escola possui diversos projetos no contraturno, seja de trabalhos voluntários ou projetos da prefeitura e do governo federal. Por diversas vezes, observei num mesmo espaço 3 ou 4 atividades ocorrendo ao mesmo tempo. Numa das conversas informais com um dos professores que estou acompanhando nesta escola (Diário de campo, 25.10.12), ele me relata que um fato comum que acontece na escola é que, quando há a ausência de um professor, geralmente a turma, para não ficar sem nada para fazer, é levada para o pátio para fazer alguma atividade, o que acaba interferindo nas aulas de educação física que ali ocorrem. Além disso, outro fato relatado pelo professor da escola C e também pela professora da escola A, é que nunca há a consulta por parte da gestão de obras da prefeitura quando da organização e construção de espaços físicos na escola, que segundo os professores, poderia ser bem mais aproveitado se fosse pensado e construído de outra maneira diferente do padrão clássico de apenas uma quadra poliesportiva da forma tradicional.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste breve recorte, a partir da discussão sobre a questão do espaço físico na organização do trabalho pedagógico da educação física em escolas da Rede Municipal de Porto Alegre, em nossa análise é possível considerar que, se não determina, a condição material que o professor tem acesso para organizar seu trabalho condiciona de forma significativa o quê e como ensinar os conteúdos da educação física. Desta forma, entendemos que isto acarreta em um processo que amplia a perda de autonomia do professorado da área, o que pode ser entendido como um dos processos que permeiam o processo de proletarização docente no âmbito da educação física escolar.

REFERÊNCIAS

CONTRERAS, José. **A autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

HYPOLITO, Alvaro. Processo de trabalho na escola: algumas categorias para análise. **Teoria e Educação**. Porto Alegre. Nº 4. 3-21. 1991.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1994.

¹ Mestrando em Ciências do Movimento Humano, ESEF/UFRGS. Professor da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, RS. Email: bernardi.esef@gmail.com